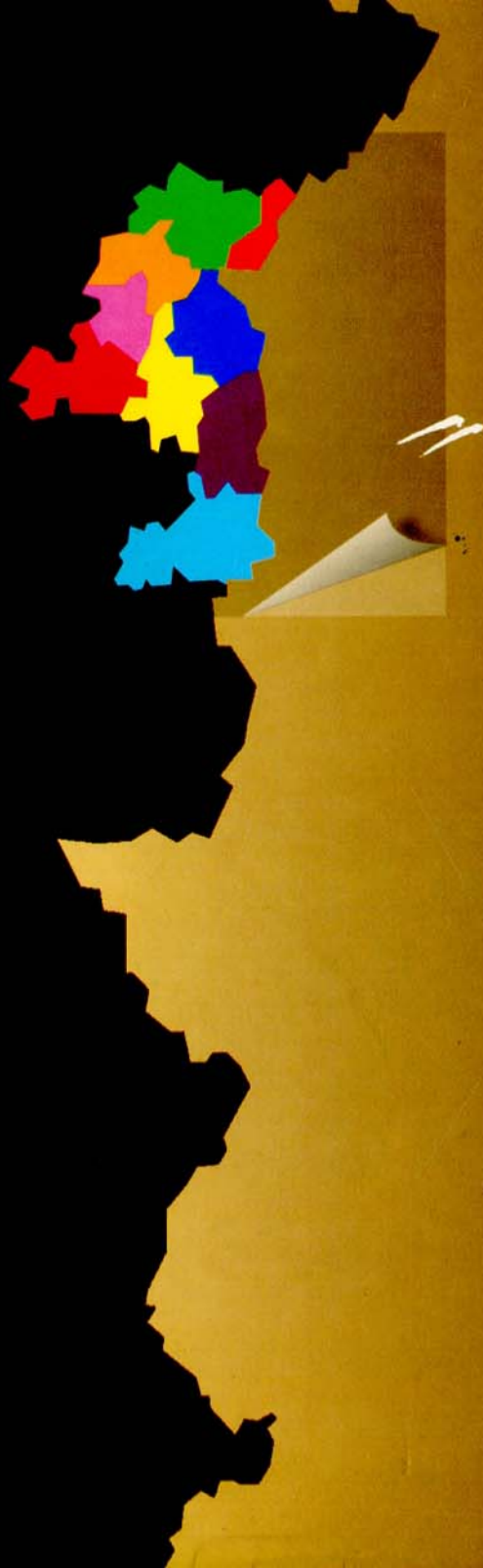




Terras
do Côa

da Malcata ao Reboredo

os valores do Côa

Ficha Técnica

Título

Terras do Côa / da Malcata ao Reboredo
Os Valores do Côa

Promotor e Editor

Estrela-Côa – Agência de Desenvolvimento Territorial da Guarda

Concepção e Coordenação

Parque Arqueológico Vale do Côa

Fotografia e Secretariado

Centro Nacional de Arte Rupestre

Edição co-financiada por

Programa de Desenvolvimento Integrado do Vale do Côa (PROCÔA)
Promoção do Potencial de Desenvolvimento Regional (PPDR)

Design Gráfico

José Luís Madeira

Execução

SerSilito - Empresa Gráfica, Lda./Maia

Tiragem

1500 exemplares

Depósito legal

124831/98

ISBN

972-97832-0-9

1998

Fotografia da capa

Gravura rupestre de 1944, Foz do Rego da Vide, Vale do Côa (CNART)

Terras do Côa Da Malcata ao Reboredo

COORDENAÇÃO:

Alexandra Cerveira Pinto S. Lima

FOTOGRAFIA:

Manuel Almeida

AUTORES:

ALEXANDRA CERVEIRA PINTO S. LIMA

Mestre em Arqueologia (Instituto de Conservação da Natureza, colaboradora do Parque Arqueológico Vale do Côa)

ANA MARGARIDA CARVALHEIRA

Mestre em História de Arte

ANTÓNIO FAUSTINO DE CARVALHO

Mestre em Pré-História e Arqueologia (Parque Arqueológico Vale do Côa)

ANTÓNIO MARTINHO BAPTISTA

Arqueólogo (Director do Centro Nacional de Arte Rupestre)

FERNANDO MAIA PINTO

Arquitecto (Director do Parque Arqueológico Vale do Côa)

FRANCISCO SANDE LEMOS

Doutorado em Pré-história e História da Antiguidade (Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho)

GASPAR MARTINS PEREIRA

Doutorado em História Contemporânea (Professor da Faculdade de Letras da Universidade do Porto; coordenador do Grupo de Estudos Históricos da Viticultura Duriense e do Vinho do Porto - GEHVID)

GONÇALVES GUIMARÃES

Mestre em Arqueologia (Director da Casa Municipal de Cultura/Solar Condes de Resende, V.N.Gaia; assistente convidado da Universidade Portucalense Infante D. Henrique)

HELOÍSA SANTOS

Arqueóloga (investigadora do GEHVID)

ISABEL ALEXANDRA LOPES

Arqueóloga (Casa do Infante/Câmara Municipal do Porto; investigadora do GEHVID)

ISABEL MARIA FERNANDES

Bolseira de Doutoramento do Praxis XXI / Universidade do Minho

JORGE ARGÜELLO

Doutorado em História (pela Univ. de Oviedo) e bolseiro de pós-Doutoramento da *Fundación para el Fomento de la Investigación Científica Aplicada y Técnica del Principado de Asturias*

JORGE FORTUNA

Ecólogo (colaborador do Gabinete Municipal de Arqueologia e História da Câmara Municipal de Matosinhos)

LAURA CASTRO

Mestre em História de Arte (Departamento de Museus e Património da Câmara Municipal do Porto)

MARCOS OSÓRIO

Arqueólogo (Câmara Municipal do Sabugal)

MIGUEL AREOSA RODRIGUES

Mestre em Arqueologia (Instituto Português do Património Arquitectónico/Porto; investigador do GEVHID)

PAULA BARREIRA ABRANCHES

Arqueóloga (investigadora do GEHVID)

PAULO DORDIO

Mestre em Arqueologia (Casa do Infante/Câmara Municipal do Porto; investigador do GEHVID)

RICARDO TEIXEIRA

Mestre em Arqueologia (Casa do Infante/Câmara Municipal do Porto; investigador do GEHVID)

SUSANA COSME

Arqueóloga (Casa do Infante/Câmara Municipal do Porto; investigadora do GEHVID)

SUZANA FARO

Pós-Graduada em Museologia (Responsável pelo Museu da Indústria Têxtil, Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão)

THIERRY AUBRY

Doutorado em Arqueologia (pela Univ. de Bordéus) (Parque Arqueológico Vale do Côa)

Introdução	7
CAPÍTULO I	
CENTROS DE POVOAMENTO:	
UM PERCURSO PELAS VILAS MEDIEVAIS	
Notas de viagem pelas vilas do Riba Côa e algumas vilas no Riba Douro	15
I – Quatro antigas vilas que guardavam o Douro:	
Freixo de Espada à Cinta, Mós, Urros e Alva	15
II – No final do século XIII a aldeia de Torre de Moncorvo	
substituiu a vila de Santa Cruz da Vilariaça	18
III – Vila nova do rei D. Dinis na foz do rio Côa	22
IV – Vila Velha de Numão - Um projecto de investigação	
arqueológica em curso	24
V – Três Comendas Velhas da Ordem de Cristo:	
Longroiva, Muxagata e Meda	30
VI – Da «cidade» romana dos Aravi à vila medieval e moderna	
de Marialva	32
VII – Da <i>penela</i> alto medieval de «Moraria» à vila fortificada	
de Moreira de Rei	36
VIII – A vila de Trancoso onde D. Dinis festejou as bodas do casamento	
com D. Isabel de Aragão	38
IX – Castelo Melhor e Almendra: duas vilas do reino de Leão	
que passaram a ser uma só no Reino de Portugal	41
X – A vila leonesa de Castelo Rodrigo, a vila portuguesa de Pinhel	
e o passo do Côa na Ponte Velha	43
XI – A vila medieval de Almeida sob a praça militar de fronteira	
dos séculos XVII e XVIII	51
XII – A vila leonesa de Castelo Bom, a vila portuguesa de	
Castelo Mendo e o passo do Côa no Porto de S. Miguel	55
XIII – Duas pontes do Côa no caminho entre três vilas leonesas	
e duas vilas portuguesas	59
CAPÍTULO II	
O APROVEITAMENTO DE RECURSOS E A CONSTRUÇÃO	
DA PAISAGEM: UM PERCURSO PELAS QUINTAS	
Apontamentos sobre a Vinha e o Vinho no Douro Superior	77
O Côa, as quintas e o povoamento romano subjacente	85
– As Quintas	85
– Quintas, <i>villae</i> e povoamento em época romana	87
– Outras modalidades do povoamento romano	90
– Percursos	92

CAPÍTULO III	
CONSTRUÇÃO E ESPAÇO SAGRADO:	
UM PERCURSO PELA ARQUITECTURA RELIGIOSA	
Património Religioso Edificado e Arte Sacra.	
Registo de ocorrências discretas	103
<i>O Mosteiro Cisterciense de Santa Maria de Aguiar</i>	117
CAPÍTULO IV	
SABERES TRADICIONAIS: O BARRO, O FERRO E A SEDA	
A Olaria	135
– A olaria de Felgar / Larinho	136
– A olaria de Santa Comba / Barreira	137
A Olaria de Malhada Sorda	141
O trabalho do ferro	144
Olhares sobre a seda nas terras do Côa	151
CAPÍTULO V	
TERRAS DO CÔA: DOMINANDO A PAISAGEM	
Património Natural do Vale do Côa: uma abordagem	163
Senhora do Castelo de Urros	166
Senhora do Castelo da Adeganha	168
Senhora dos Montes Ermos	170
Marialva	173
Sabugal Velho	174
Caria Talaia	176
Sortelha	178
CAPÍTULO VI	
TERRAS DO BAIXO CÔA:	
PERCURSOS DA INVESTIGAÇÃO ARQUEOLÓGICA	
As gravuras, a beleza e a liberdade	183
O povoamento paleolítico da bacia do baixo Côa	184
Do fim do Paleolítico à aquisição da Escrita no Baixo Côa	190
A arte do Côa e Alto Douro e o Centro Nacional de Arte	
Ruprestre (CNART)	196
Ler na Paisagem Contemporânea Paisagens Medievais e Modernas	202
Das Escavações arqueológicas ao Museu de Sítio da Ervamoira:	
um programa global de investigação multidisciplinar	205
Projecto de Investigação Arqueológica do Território do Monte	
do Castelo (Almendra)	209



Capítulo IV

Saberes Tradicionais: o barro, o ferro e a seda

Miguel Areosa Rodrigues
Isabel Maria Fernandes
Jorge Argüello
Suzana Faro

A OLARIA

A produção de artefactos em argila cozida inicia-se no Neolítico, datando dessa época os mais antigos fragmentos cerâmicos encontrados em jazidas arqueológicas desta região. As excepcionais características de resistência dos fragmentos cerâmicos associadas à abundante utilização destes artefactos nas sociedades pré-modernas, faz com que sejam o principal artefacto recolhido pelos investigadores na grande maioria dos sítios arqueológicos.

Parece provável que desde o início o fabrico de peças cerâmicas de uso corrente fosse efectuado localmente, sendo prova deste facto, durante o período da romanização, os fornos cerâmicos encontrados no povoado de Rumansil (Freixo de Numão – V.N. de Foz Côa) e Vale de Ferreiros (Carviçais – Moncorvo) ¹.

Para períodos mais recentes conhecemos melhor as características destas produções cerâmicas. Partindo dos estudos etnográficos sobre olarias tradicionais e cruzando esses dados com os obtidos em intervenções arqueológicas em sítios medievais e pós-medievais, podemos pensar que a produção de cerâmica se encontrava concentrada em determinadas povoações, normalmente localizadas nas proximidades de depósitos de argila. Nestes centros oleiros, por vezes abrangendo mais do que uma povoação, coexistia um número de artesãos que podia atingir algumas dezenas. A reunião numa povoação de vários artesãos conduzia normalmente à colaboração na execução de algumas tarefas, nomeadamente na recolha do barro, na cozedura e na comercialização das peças. Cada centro oleiro dispunha de uma área de distribuição regional com alguma dimensão, indispensável para o escoamento de uma produção significativa.

Cruzando-se por vezes nas áreas geográficas limítrofes ou em algumas feiras, não parece no entanto ter existido concorrência directa entre diferentes centros produtores. A existência de grandes centros não exclui no entanto a existência de pequenas oficinas, de influência local, resultando quase sempre da emigração de oleiros provenientes destes centros e cuja duração é normalmente limitada no tempo. Exemplos de situações deste tipo são a olaria de Calvelhe (Bragança), constituída em meados do séc. XIX por oleiros provenientes de Vilar de Nantes (Chaves) e que durou o tempo de duas gerações; as oleiras de Caçarelhos (Vimioso), no início deste século, provenientes de Espanha; os oleiros originários de Barreira (Meda) que trabalharam em Sorval (Pinhel) e Freixial (Trancoso).

O nosso conhecimento sobre as produções destes centros e oficinas limita-se normalmente aos fabricos mais recentes, num momento em que parte da funcionalidade tradicional das peças cerâmicas, a confecção de alimentos, tinha já sido substituída, primeiro pelas panelas de ferro depois pela utensilagem em alumínio. Já mais recentemente a introdução dos plásticos veio substituir a última função destes artefactos, a de transporte e armazenamento de líquidos (água, vinho, azeite) e de alguns sólidos (azeitonas, queijos, enchidos).

Na área geográfica aqui em análise existiram em tempos recentes dois centros produtores dominantes o centro oleiro de Felgar / Larinho, no concelho de Torre de Moncorvo e o centro oleiro de Santa Comba / Barreira, nos concelhos de V. N. de Foz Côa e Meda.

Fig. 1 – Talha, Felgar





Fig. 2 – Louça do Felgar



Trata-se de duas olarias cuja produção neste século é relativamente bem conhecida e que neste período apresentam características semelhantes no que se refere aos aspectos técnicos: utilização da roda alta e da cozedura oxidante em forno de duas câmaras. São também coincidentes no facto de os artesãos serem exclusivamente homens e de se dedicarem a tempo inteiro a esta actividade.

Semelhança ainda no facto, comum a tantas outras olarias tradicionais, de terem praticamente cessado a sua actividade nas últimas décadas, apesar de persistirem ainda produções pontuais nos dois casos.

A olaria de Felgar / Larinho

Pela documentação que conhecemos deverá ter sido um dos centros oleiros mais importantes de Trás-os-Montes ao longo dos últimos 350 anos.

Remontam a meados do século XVII as primeiras referências documentais conhecidas e que indicam a presença de oleiros nas duas aldeias vizinhas de Felgar e Larinho. Em 1648, 10 oleiros do Larinho e 4 do Felgar foram multados pela Câmara Municipal de Moncorvo devido ao facto de não terem trazido os seus castelos na Procissão do Corpo de Cristo, conforme era sua obrigação. A presença dos oleiros nesta procissão, em que desfilavam todos os artesãos agrupados por ofícios, indicia que se tratava já nessa altura de uma actividade estruturada, com direito a representação corporativa e a designar um juiz do ofício².

As referências à existência de oleiros no Larinho cessam no final do séc. XVIII, sendo provável que a produção cerâmica se tenha concentrado no Felgar. Em 1796 existiam 20 oleiros, número que se mantém no final do século XIX e início deste século. Nos anos 60 apenas subsistiam 5 oleiros, tendo desaparecido na década de 80 António Augusto Rebouta, o último oleiro do Felgar. No entanto, ainda hoje se fabrica cerâmica no concelho de Moncorvo, continuando a tradição deste centro oleiro. O Sr. Sebastião Rebouta, herdeiro de uma família de oleiros, residente na vila de Moncorvo, continua a produzir cerâmica segundo os modelos tradicionais.

A cerâmica produzida neste centro oleiro apresenta uma tonalidade característica de vermelho carregado, decorrente da cozedura oxidante, mas também da própria argila, com elevado teor de minerais de ferro e, por vezes, do acabamento polido dado à peça.

Fabricavam-se peças de muitos e variados feitios, tamanhos e usos: alguidares, tigelas, testos, panelas, asadas, bilhas, cantarinhas, púcaros, cântaros e talhas. Destinavam-se à confecção, transporte, serviço e armazenamento de alimentos.

Por se tratarem das peças mais significativas das últimas décadas de produção salientemos os alguidares, os cântaros e as talhas.

O alguidar – Existem de dimensões muito variadas, com um formato tronco-cónico invertido, normalmente decorados por cordões com dedadas e podendo ter duas pegas junto ao bordo. Destinavam-se à preparação da carne para os enchidos – a surça – servindo também para armazenar os próprios enchidos e os queijos. Em alguns casos podiam ser utilizados como bacias para lavar a louça e o corpo.

O cântaro – Juntamente com a talha é a peça mais característica desta olaria, de forma muito elegante, com bojo ovóide, colo alto e asa larga; é por vezes decorado com motivos encrespados e linhas ondulantes.

Destinava-se ao transporte e aprovisionamento de líquidos (água e vinho).

A talha – Por se tratar de peças de grandes dimensões, de algum valor económico e destinadas a permanecerem nos lagares, adegas e armazéns, trata-se do tipo de peças que melhor se conservaram até aos nossos dias sendo possível encontrar exemplares com muitas dezenas de anos. Devido a estes factores, mas também à extensa área geográfica a que chegavam os barros do Felgar, é possível encontrar talhas aqui produzidas em todo o distrito de Bragança. São peças de formato ovóide com colo cilíndrico e bordo em aba pronunciada, terminado numa base de pequeno diâmetro. São normalmente decoradas por um número variável de cintas, sendo a primeira decorada por dedadas. Destinavam-se ao armazenamento de líquidos e sólidos (azeite, azeitonas, castanha, feijão, mel, enchidos, queijos).

Os oleiros do Felgar utilizavam na preparação do barro dois tipos de argila que recolhiam junto ao rio Sabor (Barrais) e no Cabeço da Mua. Recolhida a argila era então necessário preparar o barro para poder ser trabalhado na roda, tarefas muito pesadas e cansativas que eram frequentemente executadas pela mulher do oleiro. A argila era então seca, triturada e peneirada, após o que eram misturados os dois tipos de barro e amassados com água para preparação das pelas, porções tronco-cónicas prontas a serem trabalhadas pelo oleiro.

No fabrico das peças utilizava-se o torno ou roda alta, movimentado pelos pés do oleiro que com as mãos dava forma à peça. Uma vez terminada a peça era posta a secar e posteriormente cozida.

Já não resta nenhum dos antigos fornos do Felgar, sabemos que os últimos se localizava um na rua das Amoreiras (antiga dos Louceiros), e outro na rua da Calçada. Eram construídos em alvenaria, de planta circular, dispondo de duas câmaras separadas por uma grelha também em pedra. A câmara inferior, de combustão, possuía uma pequena porta por onde era introduzida a lenha, destinada a arder e cozer as peças colocadas na câmara superior, de cozedura. O forno não tinha cobertura superior, sendo tapado com telhas e fragmentos de peças durante a cozedura.

A comercialização destas peças fazia-se de porta em porta pelas aldeias em redor, transportando as peças no dorso de burros ou, mais recentemente, levando-as no comboio do caminho-de-ferro do Sabor. As feiras mais frequentadas eram as de Moncorvo, Freixo de Espada à Cinta, Carviçais e Mogadouro. Mas os oleiros do Felgar chegavam a uma área muito alargada que ia de Mirandela a V. N. de Foz Côa, de Carrazeda de Ansiães a Figueira de Castelo Rodrigo. A venda das peças podia ser feita a dinheiro ou por troca directa com produtos agrícolas.

A olaria de Santa Comba / Barreira

São escassos os documentos conhecidos sobre este centro oleiro, sendo certo que em 1899 já existia (LEPIERRE 1899:45-46), e parecendo provável que a sua origem seja anterior ao século XIX. Na década de



Fig. 3 – Louça de Santa Comba.
(Museu da Quinta da Ervamoira)

60 deste século ainda existiam cerca de 10 oleiros em Santa Comba e 6 em Barreira. Actualmente ainda existe um oleiro em Barreira, o sr. Alberto Andrade, descendente de uma família de oleiros e que, após uma longa permanência no estrangeiro, apenas produz louça esporadicamente, normalmente por encomenda.

Tratando-se Santa Comba e Barreira de duas povoações vizinhas, o tipo de louça e as características técnicas da produção eram idênticas pelo que será mais correcto falar de apenas um centro oleiro, formado pelas duas aldeias.

O barro era recolhido no lugar do Barreiro, a meio caminho entre as duas povoações, sendo utilizados dois tipos de argila: a vermelha, mais forte e a branca, utilizada em menor quantidade para temperar o barro a ser utilizado pelo oleiro. Depois de secas as argilas eram trituradas, por vezes com a ajuda de um cilindro de granito movido por animais, amassadas e misturadas com água, numa proporção de 2 medidas de barro vermelho para uma de branco.

Como no Felgar, também aqui era preponderante o papel da mulher na preparação do barro. Uma vez preparado o barro era trabalhado ao torno pelo oleiro, sempre do sexo masculino. A variedade de peças produzidas é semelhante ao que se encontra no Felgar: bilhas, cântaros, panelas, alguidares, púcaros e talhas. Mais recentemente, paralelamente à diminuição do tamanho das peças fabricadas surgiram novos tipos: vasos, cinzeiros, alguidares para o forno.

A cozedura é feita num forno cilíndrico, com cerca de 1,75m de altura, semi-enterrado, com paredes construídas em alvenaria e aberto na parte superior. O combustível é introduzido numa câmara de combustão definida por um arco ogival formado por dois blocos de granito que serve de porta e que se reproduz no interior do forno em mais 3 arcos idênticos. Sobre estes arcos são empilhadas as peças que se pretendem cozer e que são tapadas por cacos, telhas e chapas. Existem ainda dois fornos razoavelmente conservados e que sem grande esforço podem ser preservados. A cozedura demora cerca de 2 horas, daí resultando peças com uma tonalidade amarelo alaranjado, com uma superfície mal alisada em que são visíveis elementos não plásticos de alguma dimensão, devido ao facto de aqui o barro não ser peneirado.

As principais peças, variando embora nas dimensões apresentam as seguintes características:

O alguidar – de formato tronco-cónico invertido, ligeiramente abaulado, apresenta-se normalmente decorado por cintas marcadas com incisões.

Destinava-se à preparação dos enchidos, ao seu armazenamento e à lavagem de louça e corpo.

O cântaro – com bojo piriforme e uma base larga, apresenta-se bastante menos elegante que o seu congénere do Felgar, possui uma asa de fita larga e um colo curto. Destinava-se ao transporte e armazenamento de líquidos.

A talha – de corpo bojudo e elíptico, com colo curto e cilíndrico, terminando num bordo vertical e numa boca de pequeno diâmetro. É normalmente decorada com cordões horizontais e servia para armazenar líquidos e sólidos (azeite, mel, azeitonas, castanha, feijão, enchidos, queijo).

Segundo os oleiros ainda vivos a comercialização limitava-se essencialmente aos concelhos de V. N. de Foz Côa e Meda, englobando algumas zonas de Trancoso e Figueira de Castelo Rodrigo. No entanto é

provável que no início do século a área abrangida fosse substancialmente maior, conforme refere Charles Lepierre que salienta a presença de oleiros deste centro, para além dos já referidos, nos mercados de Aguiar da Beira, Almeida, Belmonte, Guarda, Moimenta da Beira, Pesqueira e Pinhel.

Certo é que os oleiros de Santa Comba e Barreira repartiam entre si as áreas envolventes. A região mais a Norte, até V. N. de Foz Côa era percorrida pelo oleiros de Santa Comba, enquanto as áreas a Sul, de Meda a Trancoso, eram apanágio dos oleiros de Barreira. Vendiam nas feiras e de porta em porta.

Ao visitarmos actualmente as povoações em que trabalharam tantas gerações de oleiros são escassos os vestígios dessa actividade. As oficinas, geralmente uma pequena dependência no r/c da casa ou uma construção precária, desapareceram ou são utilizadas com outros fins, os fornos foram destruídos quase sempre pela edificação de novas construções, algumas peças, de maiores dimensões, resistiram nas caves e adegas ou transformadas em vasos improvisados, que as de uso mais frequente – panelas, cântaros ou tigelas – partiram-se há muito.

Existem, apesar de tudo, ainda algumas marcas desta actividade que justificam uma visita a estas aldeias e que, se devidamente preservadas e valorizadas, poderão constituir pequenos pólos de atracção turístico-cultural.

No Felgar, a antiga oficina e forno³ de António Augusto Rebouta, último oleiro que trabalhou nesta aldeia. Em Torre de Moncorvo, o Sr. Sebastião Rebouta, filho do oleiro anteriormente referido, ainda fabrica peças características desta olaria. Recentemente iniciou-se um curso de aprendizagem de olaria, promovido pelo IEFP e pelo município local.

Em Barreira subsistem dois fornos, um deles ainda utilizado pelo Sr. Alberto Andrade, o último oleiro em actividade nesta povoação, mas que apenas produz pontualmente ou por encomenda.

A olaria é uma das marcas mais fascinantes que nos ficou das sociedades pré-industriais cujos vestígios, tão presentes no interior do país até há poucas dezenas de anos, se extinguem diariamente. Com o desaparecimento dos últimos oleiros e daqueles que com eles

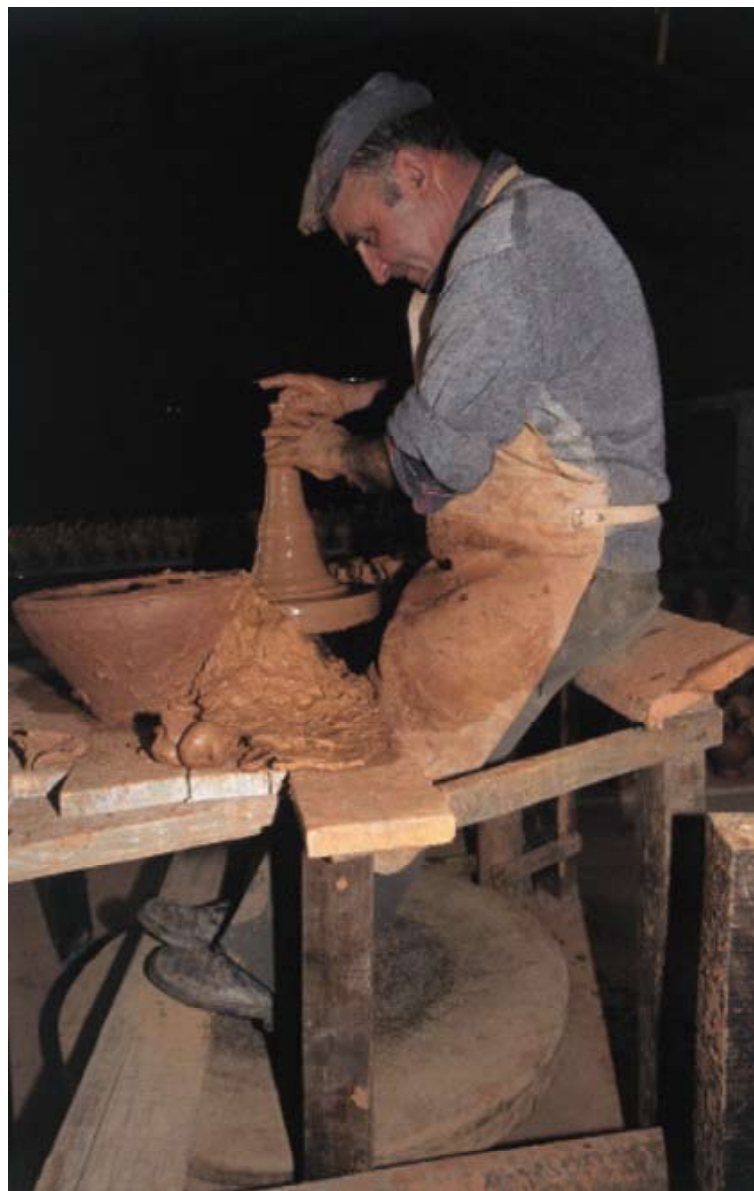


Fig. 4 – O oleiro Manuel Ribeiro. Oriundo de família de oleiros de Santa Comba, trabalha actualmente em Figueira de Castelo Rodrigo



Fig. 5 – Forno em fase de recuperação.
O forno do oleiro Manuel Ribeiro,
Figueira de Castelo Rodrigo

privaram, com a destruição de fornos e oficinas, com a deslocação das peças levadas por antiquários e curiosos apaga-se, rapidamente, a memória de uma região.

A recuperação da memória destes centros oleiros ou mesmo o restabelecimento de uma produção artesanal com características únicas e multiseculares é um desafio para as diversas entidades envolvidas no desenvolvimento e promoção desta região ⁴.

Miguel Areosa Rodrigues

Bibliografia

- AFONSO 1981: Belarmino Afonso, A cerâmica artesanal no distrito de Bragança, sua diversidade e extinção gradual, “Brigantia”, vol 0, nº1 Bragança, 1981
- ANDRADE 1982: António Júlio Andrade, Uma villa romana em Vale de Ferreiros, “Brigantia”, vol. 4 (4), Bragança, 1982, p. 647-662
- COIXÃO 1996: António Sá Coixão, Carta Arqueológica do Concelho de Vila Nova de Foz Côa, C.M. de V.N. de Foz Côa, 1996
- FERREIRA 1985: Alípio Ferreira, Sinos do Felgar dobram a finados. António Rebouta: o último oleiro de uma terra de mestres do barro, “Jornal de Notícias”, Porto, 27.02.85
- LEPIERRE 1899: Charles Lepierre, Estudo chimico e technologico sobre a cerâmica portuguesa moderna, Lisboa, Imprensa Nacional, 1899
- MACEDO e FREITAS 1988: Manuel Marinho Macedo e Maria da Graça Freitas, Olaria do Felgar (Torre de Moncorvo) - Catálogo, Barcelos, 1988
- MACEDO e FREITAS 1990: Manuel Marinho Macedo e Maria da Graça Freitas, Vasilhas do Felgar, Objectos úteis - Exposição, Barcelos 1990
- MENDES 1981: José M. Amado Mendes, Trás-os-Montes nos fins do século XVIII, segundo um manuscrito de 1796, Coimbra, INIC, 1981
- MOUTINHO 1980: José Viale Moutinho, O oleiro do Felgar, “Diário de Notícias”, Lisboa, 116 (40687) 5 Jun 1980, p.7
- RIBEIRO s/d: Emanuel Ribeiro, Água Fresca - apontamentos sobre olaria nacional, Porto, s/d (2ª década do séc. XX)
- RODRIGUES 1958: Adriano Vasco Rodrigues, Olarias do Felgar, “Mensário das Casas do Povo”, 11 (129), Lisboa, 1958
- RODRIGUES e REBANDA 1995: Miguel Areosa Rodrigues e Nelson Rebanda, Centros oleiros do distrito de Bragança - olarias de Felgar e Larinho (Moncorvo), In “Actas das Ias. Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval de Tondela - 1992”, C. M. de Tondela, Tondela, 1995
- SEMPERE 1982: Emili Sempere, Rutas a los alfares. España-Portugal, Barcelona, 1982.

Notas

¹ Cf. COIXÃO 1996 e ANDRADE 1984

² O referido documento (Livro de Receita e Despesa do ano de 1648 da Câmara Municipal de Torre de Moncorvo, ^aM.M., doc.nº 597) consiste numa listagem nominal de 10 oleiros, um dos quais Juiz do ofício, e seus 8 aprendizes, do Larinho e 4 oleiros do Felgar.

³ O forno de António A. Rebouta era diferente e mais evoluído que o forno tradicional do Felgar. Possuía cobertura superior e uma pequena chaminé.

⁴ As olarias referidas neste trabalho têm sido objecto de diversos estudos etnográficos, referidos na bibliografia. Saliente-se o trabalho de estudo e divulgação desenvolvido pelo Museu de Olaria (Barcelos), cujas colecções das produções destes centros oleiros nos permitem conhecer peças que de outra forma teriam completamente desaparecido.